

# GINOCÍDIO

OS PÉS DE LÓTUS CHINÊS  
E AS BRUXAS





# **GINOCÍDIO:**

**Os pés de lótus chinês e a  
perseguição das bruxas**

Andrea Dworkin



*"[...]em qualquer guerra, em qualquer violência entre tribos ou nações, um crime de guerra específico é perpetrado contra as mulheres — o de estupro. Toda mulher estuprada durante uma guerra política de Estados-nação é vítima de uma guerra muito maior, planetária em suas dimensões — a guerra, mais declarada do que se pode suportar saber, que os homens fazem contra as mulheres. Essa guerra teve sua expressão mais macabra e grotesca quando homens chineses amarraram os pés de mulheres chinesas e quando homens britânicos, galeses, irlandeses, escoceses, alemães, holandeses, franceses, suíços, italianos, espanhóis e americanos tiveram mulheres queimadas em nome de Deus Pai e de Seu único Filho."*

O texto a seguir foi retirado da Parte 3 do livro *Woman Hating* ("Ódio às mulheres", em tradução livre), de Andrea Dworkin, composta pelos capítulos 6 (Ginocídio: Pés de Lótus Chinês) e 7 (Ginocídio: Perseguição das bruxas)



# HERSTORY<sup>1</sup>

Nós somos um povo sem sentimentos. Se pudéssemos realmente sentir, a dor seria tão grande que acabaríamos com todo o sofrimento. Se pudéssemos sentir que uma pessoa a cada seis segundos morre de fome (e enquanto isto está acontecendo, esta escrita, esta leitura, alguém está morrendo de fome) nós pararíamos isso. Se pudéssemos realmente sentir isso nas entranhas, na virilha, na garganta, no peito, iríamos para as ruas e pararíamos a guerra, pararíamos a escravidão, pararíamos as prisões, pararíamos as matanças, pararíamos a destruição. Ah, eu poderia aprender o que é o amor.

Quando sentirmos, sentiremos a emergência: quando sentirmos a emergência, agiremos: quando agirmos, mudaremos o mundo.

Julian Beck, *The Life of the Theatre*

Os estupros, torturas e violações de O, Claire, Anne, Helen da *Suck*, entre outras, são ficção, documentando a paisagem retorcida da realização de desejos masculinos<sup>2</sup>. Aqui temos a *herstory*, o subconsciente da história, dois atos de genocídio cometidos contra as mulheres por homens, seu escopo e substância largamente ignorados. Não é surpresa constatar que eles documentam essa mesma paisagem retorcida.

Eu isolei em particular o caso chinês dos pés de lótus e a perseguição das bruxas porque são crimes que se igualam em termos de puro horror e sadismo ao extermínio dos nativos americanos e ao massacre de Hitler aos judeus.<sup>3</sup> Esses dois massacres horrendos encontraram um lugar, por mais tênue que seja, na "consciência" do "homem". Atos de genocídio contra as mulheres mal foram notados, e nunca evocaram raiva, ou horror, ou tristeza. Que o ódio sexista é igual ao ódio racista em sua intensidade, irracionalidade e desprezo

---

<sup>1</sup> *Herstory* é um termo em inglês para a história escrita numa perspectiva feminista, enfatizando o papel das mulheres, ou contada do ponto de vista de uma mulher. Originou-se como uma alteração da palavra "história" (em inglês *history*), como parte de uma crítica feminista da historiografia convencional, que é tradicionalmente escrita como a "história dele", ou seja, do ponto de vista masculino. (Um jogo com os pronomes *his*, que significa "dele", e *her*, que significa "dela"). [N.T.]

<sup>2</sup> Referência à Parte 2 do livro *Woman Hating* (capítulos 3, 4 e 5), que aborda o tema da pornografia. [N.T.]

<sup>3</sup> Consideramos a comparação entre os eventos passível de cair numa métrica falha, uma vez que as opressões étnico-raciais não são equivalentes às opressões sexistas. Racismo e misoginia são estruturas que coexistem e se reforçam mutuamente, cada qual com suas peculiaridades históricas e atuações. [N.T.]

pela santidade da vida humana, esses dois exemplos demonstram claramente. Que as mulheres não foram exterminadas, e não serão (pelo menos até que a tecnologia de criar vida em laboratório seja aperfeiçoada) podem ser atribuídas à nossa suposta capacidade de ter filhos e, mais importante, sem dúvida, à relativa verdade de que os homens preferem foder bucetas que estão nominalmente vivas. Exceto aqui os necrófilos, aqueles príncipes puros e imaculados, cuja história começa onde termina a nossa.

Além disso, em qualquer guerra, em qualquer violência entre tribos ou nações, um crime de guerra específico é perpetrado contra as mulheres — o de estupro. Toda mulher estuprada durante uma guerra política de Estados-nação é vítima de uma guerra muito maior, planetária em suas dimensões — a guerra, mais declarada do que se pode suportar saber, que os homens fazem contra as mulheres. Essa guerra teve sua expressão mais macabra e grotesca quando homens chineses amarraram os pés de mulheres chinesas e quando homens britânicos, galeses, irlandeses, escoceses, alemães, holandeses, franceses, suíços, italianos, espanhóis e americanos tiveram mulheres queimadas em nome de Deus Pai e de Seu único Filho.

#### Instruções antes da leitura do capítulo

1. Encontre um pedaço de pano de 10 pés de comprimento e 2 polegadas de largura
2. Encontre um par de sapatos infantis
3. Dobre todos os dedos dos pés, exceto o dedão e coloque-os debaixo da sola do pé. Envolve o pano ao redor destes dedos e depois ao redor do calcanhar. Aproxime o máximo possível o calcanhar dos dedos dos pés. Envolve todo o comprimento do pano o mais apertado possível.
4. Aperte o pé no sapato infantil
5. Caminhe
6. Imagine que você tem 5 anos de idade
7. Imagine ser assim para o resto de sua vida



# Ginocídio: Pés de Lótus Chinês

As origens do pé de lótus chinês, assim como do pensamento chinês em geral, pertencem a essa entidade amorfa chamada antiguidade. O século X marca o início da desumanização física, intelectual e espiritual das mulheres na China, através da instituição do pé de lótus. A própria instituição, a crença implícita em sua necessidade e beleza, e o rigor com que era praticada, durou mais 10 séculos. Houve tentativas esporádicas de emancipação dos pés — alguns artistas, intelectuais e mulheres em posições de poder foram a proverbial gota no oceano. Essas tentativas, modestas como eram, estavam condenadas ao fracasso: a prática do pé de lótus era uma instituição política que refletia e perpetuava a inferioridade sociológica e psicológica das mulheres; o pé de lótus cimentava as mulheres a uma certa esfera, com uma certa função — as mulheres eram objetos sexuais e de reprodução. O pé de lótus era uma atitude massiva, a cultura de massa — era a realidade chave de uma forma de vida vivida por mulheres reais — 10 séculos vezes muitos milhões delas.

Geralmente pensa-se que a prática dos pés de lótus surgiu enquanto uma inovação entre as dançarinas do harém Imperial. Entre os séculos IX e XI, o Imperador Li Yu encomendou uma bailarina favorita para conseguir a "aparência pontiaguda". O conto de fadas lê-se assim:

Li Yu tinha uma concubina palaciana favorita chamada Lovely Maiden que era uma dançarina dotada e de linda cintura fina. Ele tinha um lótus de dois metros de altura construído para ela em ouro; era decorado luxuosamente com pérolas e tinha um tapete de lótus carmim no centro. A Lovely Maiden foi ordenada a amarrar os pés com pano de seda branco para fazer as pontas parecerem as pontas de uma foice da lua. Ela então dançou no centro do lótus, girando como uma nuvem ascendente.<sup>4</sup>

Deste evento original, o pé amarrado recebeu o eufemismo de "Lótus de Ouro", embora seja claro que os pés da Lovely Maiden estavam amarrados frouxamente — ela ainda podia dançar.

---

<sup>4</sup> Howard S. Levy, *Chinese Footbinding: The History of a Curious Erotic Custom* (New York: W. Rawls, 1966), p. 39. O livro do Sr. Levy é a fonte primária para toda informação histórica e fatural neste capítulo. [Todas as citações seguintes são desse livro. N.T.]

Um ensaísta posterior, um verdadeiro *gourmand* de pés, descreveu 58 variedades da lótus humana, cada uma classificada em uma escala de 9 pontos. Por exemplo:

TIPO: Pétala de lótus, Lua Nova, Arco Harmonioso, Rebento de Bambu, Castanha de água

ESPECIFICAÇÕES: granulidade, suavidade, finura

CLASSIFICAÇÃO:

Qualidade Divina (A-1), perfeitamente roliço, macio e fino

Qualidade Maravilhosa (A-2), fraca e esbelta

Qualidade Imortal (A-3), com ossos retos, independente

Artigo Precioso (B-1), parecido com pavão, muito largo, desproporcionado

Artigo Puro (B-2), grosso, muito longo e fino

Artigo Sedutor (B-3), carnudo, curto, largo, redondo (a desvantagem deste pé era que sua dona *conseguia* suportar um vento soprante)

Artigo Excessivo (C-1), estreito mas insuficientemente pontudo

Artigo ordinário (C-2), comum e volumoso

Artigo falso (C-3), calcanhar grande como macaco (poderia escalar)

As distinções só enfatizam que essa amarração de pés foi uma operação bastante perigosa. Para quebrar os ossos envolvidos ou modificar a pressão das amarrações de forma irregular houve consequências embaraçosas — nenhuma garota poderia suportar o ridículo de ser chamada de "demônio de pés largos" e a vergonha de não poder se casar.

Mesmo a possuidora de um Lótus de Ouro A-1 não podia descansar sobre suas glórias — ela tinha que observar escrupulosamente a etiqueta de feminilidade repleta de tabus: (1) não andar com os dedos dos pés apontados para cima; (2) não ficar de pé com saltos aparentemente suspensos no ar; (3) não mover a saia quando sentada; (4) não mover os pés quando deitada. O

mesmo ensaísta conclui seu tratado com este conselho mais sensato (dirigido aos cavalheiros do curso):

Não remova as amarras para olhar para os seus pés descalços, mas fique satisfeito com a sua aparência externa. Aproveite a impressão externa, pois se você remover os sapatos e as amarrações o sentimento estético será destruído para sempre.

De fato. Os verdadeiros pés eram parecidos com isto:



*(feet: 3 to 4 inches in length)*

O processo físico que criou este pé é descrito por Howard S. Levy em *Chinese Footbinding: The History of a Curious Erotic Custom*.

O sucesso ou fracasso da atadura do pé dependia da aplicação hábil de um curativo ao redor de cada pé. O curativo, com cerca de 2 polegadas de largura e 3 metros de comprimento, foi enrolado da seguinte maneira.

Uma das extremidades era colocada no interior do peito do pé, e dali era levada sobre os dedos pequenos de modo a forçar os dedos dos pés para dentro e em direção à sola. O dedão do pé era deixado sem amarras. O curativo era então enrolado ao redor do calcanhar com tanta força que o calcanhar e os dedos dos pés se aproximavam. O processo foi então repetido desde o início até que todo o curativo tivesse sido aplicado. O pé da jovem criança foi submetido a uma pressão coerciva e constante, pois o objetivo não era apenas confinar o pé, mas fazer com que os dedos dos pés se dobrassem sob e para dentro da sola e aproximar o calcanhar e a sola o máximo possível fisicamente.

Um missionário cristão observou:

A carne muitas vezes ficava putrescente durante a amarração e as porções se afastavam da sola; às vezes um ou mais dedos dos pés chegavam a cair.

Uma mulher chinesa idosa, já em 1934, lembrou-se vividamente de sua experiência de infância:

Nascida em uma família à moda antiga em P'ing-hsi, fui infligida com a dor de amarrar os pés quando tinha sete anos de idade. Eu era uma criança ativa que gostava de pular, mas a partir daí a minha natureza livre e otimista desapareceu. Minha irmã mais velha suportou o processo de seis a oito anos de idade [isso significa que ela levou dois anos para atingir o pé de 3 polegadas]. Foi no primeiro mês lunar do meu sétimo ano que minhas orelhas foram furadas e encaixadas com brincos de ouro. Disseram-me que uma menina tinha que sofrer duas vezes, através de furos nas orelhas e amarração dos pés. A amarração do pé de lótus começou no segundo mês lunar; minha mãe consultou referências para selecionar um dia auspicioso para isso. Eu chorei e me escondi na casa de um vizinho, mas minha mãe me encontrou, repreendeu-me e me arrastou para casa. Ela fechou a porta do quarto, ferveu água, e de uma caixa retirou amarração, sapatos, faca, agulha e linha. Eu implorei por um adiamento de um dia, mas minha mãe recusou: "Hoje é um dia de sorte", disse ela. "Se amarrados hoje, seus pés nunca vão doer; se amarrados amanhã, vão." Ela lavou e colocou alúmen nos meus pés e cortou as unhas. Ela então dobrou meus dedos dos pés em direção ao calcanhar com um pano de ligação de dez pés de comprimento e dois centímetros de largura, fazendo primeiro o pé direito e depois o esquerdo. Ela terminou de amarrar e me mandou andar, mas quando eu o fiz a dor se mostrou insuportável.

Naquela noite, minha mãe não me deixou tirar os sapatos. Senti meus pés em chamas e não conseguia dormir; mãe me bateu por chorar. Nos

dias seguintes, eu tentei me esconder, mas fui forçada a andar de pé. A mãe bateu em minhas mãos e pés por resistir. Batidas e maldições foram o meu destino por soltar dissimuladamente os envoltórios. Os pés foram lavados e se recuperaram após três ou quatro dias, com a adição de alúmen. Após vários meses, todos os dedos dos pés, exceto o grande, foram pressionados contra a superfície interna. Sempre que eu comia peixe ou carne recém morta, meus pés inchavam, e o pus escorria. A mãe me criticou por colocar pressão no calcanhar ao andar, dizendo que meus pés nunca assumiriam uma forma bonita. A mãe tirava as amarras e limpava o sangue e o pus que escorria dos meus pés. Ela me disse que só com a remoção da carne os meus pés poderiam ficar esbeltos. Se eu perfurava por engano uma ferida, o sangue jorrava como um riacho. Meus dedos um pouco carnudos e grandes foram atados com pequenos pedaços de pano e forçados para cima, para assumir uma nova forma de lua.

A cada duas semanas, eu mudava de sapatos. Cada novo par era um a dois décimos de polegada menor do que o anterior. Os sapatos eram inflexíveis, e era preciso pressão para entrar neles. Embora eu quisesse sentar passivamente junto aos K'ang, minha mãe me obrigou a me mover. Depois de trocar mais de dez pares de sapatos, meus pés foram reduzidos a pouco mais de quatro centímetros. Eu já estava em um mês quando minha irmã mais nova começou; quando ninguém estava por perto, nós chorávamos juntas. No verão, meus pés cheiravam muito mal por causa do pus e do sangue; no inverno, meus pés sentiam frio por falta de circulação e doíam se chegassem muito perto do K'ang e fossem atingidos por correntes de ar quente. Quatro dos dedos dos pés foram tão enrolados como lagartas mortas; nenhum estrangeiro jamais teria acreditado que eles pertenciam a um ser humano. Levou dois anos para atingir o modelo de três polegadas. Minhas unhas dos pés pressionadas contra a carne como papel fino. O calcanhar muito crescido não podia ser riscado quando coçava ou acalmado quando doía. Meus tornozelos eram finos, meus pés ficavam curvados, feios e malcheirosos; como eu invejava os pés naturais!

Os pés amarrados ficavam aleijados e excruciantemente doloridos. A mulher estava realmente "andando" por cima dos dedos dos pés que tinham sido dobrados por baixo da sola do pé. O calcanhar e o peito do pé assemelhavam-se à sola e ao calcanhar de uma bota de salto alto. Calosidades duras se formaram; unhas dos pés cresceram na pele; os pés estavam cheios de pus e sangrentos; a circulação estava praticamente parada. A mulher com os pés de lótus coxeava, apoiada em uma bengala, contra a parede, contra um criado. Para manter o equilíbrio dela, dava passos muito curtos. Ela estava realmente caindo a cada passo e se empenhando para o próximo. Caminhar exigia um tremendo esforço.

A amarração dos pés também distorceu as linhas naturais do corpo feminino. Fez com que as coxas e nádegas, sempre em estado de tensão, ficassem um pouco inchadas (o que os homens chamavam de "voluptuosas"). Uma crença curiosa desenvolveu-se entre os homens chineses de que o pé de lótus produzia uma alteração muito útil da vagina. Um diplomata chinês explicou:

Quanto menor o pé da mulher, mais maravilhosas se tornam as dobras da vagina. (Havia o ditado: quanto menor o pé, mais intenso o impulso sexual.) Portanto, casamentos em Ta-t'ung (onde o pé de lótus é mais efetivo) muitas vezes acontecem mais cedo do que em qualquer outro lugar. Mulheres em outros distritos podem produzir essas dobras artificialmente, mas a única maneira é pela amarração dos pés, que concentra o desenvolvimento nesse único lugar. Conseqüentemente desenvolve-se camada após camada (de dobras dentro da vagina); aqueles que experimentaram isso pessoalmente (no ato sexual) sentem uma exaltação sobrenatural. Assim, o sistema de amarração dos pés não foi realmente opressivo.

Autoridades médicas confirmam que a amarração fisiológica dos pés não teve qualquer efeito sobre a vagina, embora tenha distorcido a direção da pélvis. A crença sobre as maravilhosas dobras da vagina da mulher com os pés presos era pura ilusão de massa, uma projeção de luxúria sobre os pés, nádegas e vagina da mulher aleijada. Desnecessário será dizer que a lógica do diplomata de achar a amarração dos pés "não realmente opressiva" confundiu sua "exaltação sobrenatural" sobre a miséria e a mutilação de mulheres.

Os pés amarrados, o mesmo mito continua, "tornaram as nádegas mais sensuais, [e] vapores concentrados que dão vida na parte superior do corpo, tornando o rosto mais atraente". Se, devido a uma quebra no fluxo desses "vapores vivificantes", uma mulher feia estava com os pés presos e continuava feia, ela não precisava se desesperar, pois uma Lótus de Ouro A-1 poderia compensar uma face e figura C-3.

Mas para voltar à *herstory*, como a nossa bailarina chinesa se tornou milhões de mulheres espalhadas ao longo de 10 séculos? A transição da bailarina palaciana para a população em geral pode ser vista como parte de uma dinâmica de classe. O imperador define o estilo, a nobreza o copia, e as classes mais baixas que escalam sempre para cima dão o seu melhor para imitá-

lo. A classe alta amarra os pés de suas damas com a maior severidade. A Senhora, incapaz de andar, permanecia devidamente invisível em seu *boudoir* (quarto privado de uma mulher), um ornamento, fraco e pequeno, testemunho da riqueza e do privilégio do homem que podia se dar ao luxo de mantê-la — de mantê-la ociosa. Não fazendo nenhum trabalho manual, ela também não precisava dos seus pés. Somente nas ocasiões mais raras, ela podia sair das paredes encarceradas de sua casa, e só em uma cadeira de sedan atrás de cortinas pesadas. Quanto mais baixa a classe da mulher, menos ociosidade podia ser suportada: e maiores os pés. As mulheres que tinham que trabalhar para a sobrevivência econômica da família ainda tinham os pés presos, mas as amarrações eram mais soltas, os pés maiores — afinal, ela tinha que ser capaz de andar, mesmo que devagar e com pouco equilíbrio.

O pé de lótus era uma marca visível. *O pé de lótus não enfatizava as diferenças entre homens e mulheres — ele as criava*, e elas foram então perpetuadas em nome da moralidade. O pé de lótus funcionava como o Cérbero da moralidade e garantia a castidade feminina em uma nação de mulheres que literalmente não podiam "correr por aí". A fidelidade, e a legitimidade das crianças, podiam ser contabilizadas.

As mentes das mulheres com os pés de lótus eram tão contraídas quanto os seus pés. Filhas eram ensinadas a cozinhar, supervisionar a casa, e bordar sapatos para a Lótus de Ouro. A restrição intelectual e física tinha a habitual justificação masculina. As mulheres eram perversas e pecadoras, lascivas e obscenas, se deixadas para se desenvolverem naturalmente. Os chineses acreditavam que ser uma mulher era pagamento por males cometidos em uma vida anterior. O pé de lótus foi projetado para poupar uma mulher do desastre de outra encarnação desse tipo.

O casamento e a família são os pilares gêmeos de todas as culturas patriarcais. Os pés de lótus, na China, foram os pilares gêmeos desses pilares gêmeos. Aqui temos a união da política e da moral, unidas para produzir sua inevitável descendência — a opressão da mulher baseada em padrões totalitários de beleza e um fascismo sexual desenfreado. Ao organizar um casamento, os pais de um homem perguntavam primeiro sobre os pés da futura noiva, depois sobre seu rosto. Essas eram suas qualidades humanas reconhecíveis. Durante o processo de amarração dos pés, as mães consolavam

suas filhas conjurando as possibilidades luxuriosas de casamento, dependentes da beleza do pé amarrado. Concubinas para o harém Imperial foram selecionadas em festivais de pés minúsculos (precursores dos concursos de Miss América). Fileiras sobre fileiras de mulheres sentadas em bancos com os pés estendidos enquanto o público e os juízes iam ao longo dos corredores e comentavam sobre o tamanho, forma e decoração dos pés e sapatos. Ninguém, porém, jamais foi autorizado a tocar a mercadoria. As mulheres aguardavam ansiosamente esses festivais, já que lhes era permitido sair de casa.

A estética sexual, literalmente a arte do amor, do pé de lótus, era complexa. A atração sexual do pé era baseada na sua ocultação e no mistério em torno de seu desenvolvimento e cuidado. As amarrações eram desembrulhadas e os pés lavados no *boudoir* da mulher, na mais estrita privacidade. A frequência dos banhos variava de uma vez por semana a uma vez por ano. Perfumes de várias fragrâncias e alúmen eram utilizados durante e após a lavagem, e vários tipos de cirurgia eram realizados nos calos e unhas. O processo físico de lavagem ajudou a restaurar a circulação. A múmia era desembrulhada, retocada e colocada de volta ao sono com mais conservantes adicionados. O resto do corpo nunca foi lavado ao mesmo tempo que os pés, por medo de que alguém se tornasse um porco na próxima vida. Mulheres de boa raça deveriam morrer de vergonha se os homens as observassem lavando seus pés. O pé consistia, afinal, de carne fedorenta e apodrecida. Isto naturalmente não agradava ao macho intruso, uma violação da sua sensibilidade estética.

A arte dos sapatos era básica para a estética sexual do pé de lótus. Horas, dias e meses a fio para bordar os sapatos. Havia sapatos para todas as ocasiões, sapatos de várias cores, sapatos para coxear, sapatos para ir para a cama, sapatos para ocasiões especiais como aniversários, casamentos, funerais, sapatos que denotavam idade. O vermelho era a cor favorita para os sapatos de cama porque acentuava a brancura da pele das panturrilhas e das coxas. Uma filha casada fazia cerca de 12 pares de sapatos como parte de seu dote. Ela apresentava 2 pares especialmente feitos para sua sogra e seu sogro. Quando ela entrava na casa do marido pela primeira vez, seus pés eram imediatamente examinados por toda a família, nem elogios nem sarcasmo eram retidos.



Havia também a arte da marcha, a arte de sentar, a arte de ficar de pé, a arte de deitar, a arte de ajustar a saia, a arte de cada movimento que envolve os pés. A beleza era a aparência dos pés e como eles se moviam. Certos pés eram melhores que outros pés, mais bonitos. A forma perfeita de 3 polegadas e a total inutilidade eram as marcas distintivas do pé aristocrático. Esses conceitos de beleza e status definiam a mulher: como ornamentos, como brinquedos sexuais, como construções sexuais. A construção perfeita, mesmo na China, era naturalmente a prostituta.

A mulher de pés naturais gerava horror e repulsa na China. Ela era um anátema, e todas as forças do insulto e do desprezo eram usadas para obliterá-la. Os homens diziam sobre pés atados e pés naturais:

Um pé minúsculo é prova de bondade feminina...

Mulheres que não amarram os pés parecem homens, pois o pé minúsculo serve para mostrar a diferenciação...

O pé minúsculo é macio e, quando esfregado, leva a uma grande excitação...

A caminhada graciosa dá ao observador sentimentos mistos de compaixão e piedade...

Os pés naturais são pesados e volumosos ao subirem na cama, mas os pés minúsculos roubam levemente os lençóis...

A mulher de pés grandes é descuidada com adornos, mas os pés minúsculos frequentemente são lavados e recebem uma variedade de fragrâncias perfumadas, encantando a todos que estão na sua presença...

O pé natural parece muito menos estético na caminhada...

Todos acolhem o pé minúsculo, considerando a sua pequenez preciosa...

Os homens anseiam tanto que sua possuidora consiga um matrimônio harmonioso...

Porque do seu diminutivo se dá origem a uma variedade de prazeres sensuais e sentimentos de amor...

Fina, pequena, curvada, macia, perfumada, fraca, facilmente inflamável, passiva ao ponto de ser quase inanimada — esta era uma mulher com os pés de lótus. Suas amarrações criavam extraordinárias dobras vaginais; o isolamento no quarto aumentava seu desejo sexual; brincar com o pé mirrado e aleijado aumentava o desejo de todos. Mesmo o imaginário dos nomes de vários tipos de pés sugere, por um lado, passividade feminina (lótus, lírios,

brotos de bambu, castanhas de água) e, por outro, independência, força e mobilidade masculina (barcos de lótus, corvos de pés grandes, pé de macaco). Era inaceitável que uma mulher tivesse aquelas qualidades masculinas denotadas por pés grandes. Este fato conjectura uma afirmação anterior: a amarração dos pés não formalizava as diferenças existentes entre homens e mulheres, mas as criava. Um sexo tornou-se masculino em virtude de ter feito do outro sexo uma coisa, outra, algo completamente polar a si mesmo, algo chamado de feminino. Em 1915, um ensaio satírico em defesa da amarração dos pés, escrito por um homem chinês, enfatizava isso:

O pé de lótus é a condição para uma vida de dignidade para o homem, de contentamento para a mulher. Deixe-me deixar isso claro. Eu sou um chinês bastante típico da minha classe. Eu meditei muito sobre textos clássicos na minha juventude e escureci meus olhos, estreitei o peito, torci as costas. Minha memória não é forte, e em uma civilização antiga há um vasto negócio para aprender antes que você possa saber de tudo. Por isso, entre os estudiosos, eu cortei uma figura pobre. Eu sou tímido, e minha voz me falha em reuniões de homens. Mas para a minha esposa com os pés presos, confinada sempre em sua casa exceto quando a carrego nos braços do seu palanquim, meu passo é heroico, minha voz é a de um leão rugindo, minha sabedoria é a dos sábios. Para ela eu sou o mundo; eu sou a própria vida.

Os homens chineses, é claro, ficaram altos e fortes perante os pés minúsculos das mulheres.

A chamada arte do pé de lótus foi o processo de tomar o pé humano, usando-o como se fosse matéria insensível, moldando-o numa forma desumana. O pé de lótus era a "arte" de tornar a matéria viva insensível, inanimada. Obviamente não se trata aqui de arte, mas de fetichismo, de psicose sexual. Esse fetiche se tornou o conteúdo principal da experiência sexual de toda uma cultura durante mil anos. A manipulação do pé minúsculo foi um prelúdio indispensável a toda experiência sexual. Manuais foram escritos elaborando várias técnicas para segurar e esfregar o Lótus de Ouro. Cheirar os pés, mastigá-los, lambê-los, chupá-los, tudo era uma experiência sexual carregada. Uma mulher com pés minúsculos era supostamente mais fácil de manobrar na cama e isso não era uma vantagem pequena. O roubo de sapatos era comum. As mulheres eram forçadas a costurar seus sapatos diretamente nas amarrações. Os sapatos roubados podiam ser devolvidos encharcados em

sêmen. Prostitutas mostravam seus pés nus por um preço alto (não havia muitas caminhantes de rua na China). Jogos de beber usando copos colocados nos sapatos de prostitutas ou cortesãs eram os passatempos favoritos. As prostitutas de pés pequenos levavam nomes especiais como *Moon Immortal*, *Red Treasure*, *Golden Pearl*. Não menos numerosos eram os eufemismos para pés, sapatos e amarrações. Alguns homens iam às prostitutas para lavar o pé minúsculo e comer sua sujeira, ou para beber chá feito da água da lavagem. Outros queriam seu pênis manipulado pelos pés. A superstição também tinha seu lugar — havia uma crença nos poderes curativos da água na qual os pés minúsculos eram lavados.

Por fim, a amarração dos pés era o solo em que o sadismo podia crescer e passar despercebido — em que a simples crueldade podia transcender a si mesma, sem muito esforço, em atrocidade. Estas são algumas histórias de horror típicas daqueles tempos:

Uma madrasta ou tia ao amarrar o pé da criança era geralmente muito mais dura do que a mãe natural teria sido. Foi descrito um homem velho que se deleitava em ver suas filhas chorando quando a amarração era aplicada com força... Em uma casa, todo mundo tinha que amarrar. A esposa principal e concubinas amarradas ao menor grau, uma vez de manhã e outra à noite, e uma vez antes de descansar. O marido e a primeira esposa faziam inspeções de pés e chicoteavam os culpados por terem deixado a amarração se soltar. Os sapatos de dormir eram tão pequenos que as mulheres tinham que pedir ao mestre para esfregá-los a fim de trazer alívio. Outro homem rico açoitava suas concubinas em seus minúsculos pés, um após o outro, até que o sangue escorresse.

... em torno de 1931... mulheres com os pés amarrados e incapazes de abelhar foram levadas em cativeiro. Os bandidos, enraivecidos pela forma fraca de andar e pela incapacidade de se manterem em cativeiro, forçaram as mulheres a removerem as amarras e meias e a correrem descalças. Gritavam de dor e eram incapazes de seguir em frente, apesar dos espancamentos. Cada um dos bandidos agarrou uma mulher e a forçou a dançar em um amplo campo coberto de pedras afiadas. O tratamento mais duro foi dado às prostitutas. As unhas eram espetadas através das mãos e pés; choravam em voz alta por vários dias antes de morrer. Uma forma de tortura era amarrar uma mulher para que suas pernas ficassem penduradas no ar e colocar tijolos ao redor de cada dedo do pé, aumentando o peso até que os dedos dos pés se endireitassem e eventualmente caíssem.

## FIM DO EVENTO PÉ DE LÓTUS

São feitas as mesmas perguntas de novo e de novo, ao longo de anos, no decorrer de uma vida. As perguntas têm a ver com as pessoas e o que elas fazem — o como e o porquê disso. Como poderiam os alemães ter assassinado 6.000.000 judeus, usado suas peles para abajures, tirado o ouro dos seus dentes? Como poderiam os brancos ter comprado e vendido negros, os enforcado e castrado? Como poderiam "americanos" ter massacrado as nações indígenas, roubado a terra, espalhado fome e doença? Como pode o genocídio da Indochina continuar, dia após dia, ano após ano? Como isso é possível? Por que isso acontece?

Enquanto mulher, se é forçada a fazer outra série de perguntas difíceis: Por que em toda parte a opressão das mulheres é registrada ao longo da história? Como os Inquisidores puderam torturar e desprezar mulheres como bruxas? Como puderam os homens idealizar os pés atados de mulheres aleijadas? Como e por quê?

O pé de lótus existiu por 1.000 anos. Em que termos, usando que medida, pode-se calcular a enormidade do crime, as dimensões da transgressão, a *quantidade* de crueldade e dor inerentes a esses 1.000 anos de *herstory*? Em que termos, usando que vocabulário, pode-se penetrar no significado, na realidade, daquela *herstory* de 1.000 anos?

Aqui uma raça não guerreou com outra para adquirir comida, ou terra, ou poder civil; uma nação não lutou com outra no interesse da sobrevivência, real ou imaginada; um grupo de pessoas em um estado febril de histeria não destruiu outro. Nenhuma das explicações ou justificativas tradicionais para a brutalidade entre os povos se aplica a esta situação. Pelo contrário, aqui um sexo mutilou (escravizou) o outro no interesse da *arte* do sexo, da *harmonia* homem-mulher, da definição de papéis, da beleza.

Considere a magnitude do crime.

Milhões de mulheres, durante um período de 1.000 anos, foram brutalmente aleijadas, mutiladas, em nome do erotismo.

Milhões de seres humanos, durante um período de 1.000 anos, foram brutalmente aleijados, mutilados, em nome da beleza.

Milhões de homens, ao longo de um período de 1.000 anos, revelaram-se apaixonados pelo culto do pé preso.

Milhões de homens, durante um período de 1.000 anos, louvaram e adoraram o pé amarrado.

Milhões de mães, durante um período de 1.000 anos, aleijaram e mutilaram brutalmente suas filhas em prol de um casamento seguro.

Milhões de mães, durante um período de 1.000 anos, aleijaram e mutilaram brutalmente suas filhas em nome da beleza.

Mas este período de mil anos é apenas a ponta de um iceberg temeroso e impressionante: uma expressão extrema e visível de atitudes, processos e valores românticos organicamente enraizados em todas as culturas, naquela época e agora. Demonstra que o amor do homem pela mulher, sua adoração sexual por ela, sua definição humana dela, seu deleite e prazer por ela, exigem sua negação: a paralisia física e a lobotomia psicológica. Essa é a própria natureza do amor romântico, que é o amor baseado em definições polares de papéis, manifestado tanto na história como na ficção — ele tem glória na agonia dela, adora a deformidade dela, aniquila a liberdade dela, ele a terá como objeto sexual, mesmo que tenha de destruir os ossos dos pés dela para fazê-lo. Brutalidade, sadismo e opressão emergem como o núcleo substantivo do *ethos* romântico. Esse *ethos* é a urdidura e a trama da cultura tal como a conhecemos.

As mulheres devem ser bonitas. Todos os repositórios de sabedoria cultural do Rei Salomão ao Rei Hefner concordam: as mulheres devem ser bonitas. É a reverência à beleza feminina que informa o *ethos* romântico, lhe dá sua energia e justificativa. A beleza é transformada naquele ideal dourado, a beleza — arrebatadora e abstrata. As mulheres devem ser belas e Mulher é Beleza.

Noções de beleza sempre incorporam toda uma estrutura social determinada, são cristalizações de seus valores. Uma sociedade com uma

aristocracia bem definida, terá padrões aristocráticos de beleza. Na "democracia" ocidental as noções de beleza são "democráticas": mesmo que uma mulher não nasça bela, ela pode se tornar *atraente*.

O argumento não é simplesmente que algumas mulheres não são bonitas, portanto não é justo julgar as mulheres com base na beleza física; ou que os homens não são julgados nessa base, portanto as mulheres também não devem ser julgadas nessa base; ou que os homens devem procurar caráter nas mulheres; ou que nossos padrões de beleza são muito paroquiais em e de si mesmos; ou ainda que julgar as mulheres de acordo com sua conformidade com um padrão de beleza serve para transformá-las em produtos, bens móveis, diferindo da vaca favorita do fazendeiro apenas em termos de forma literal. A questão em jogo é diferente e crucial. Os padrões de beleza descrevem em termos precisos a relação que um indivíduo terá com seu próprio corpo. Eles prescrevem sua mobilidade, espontaneidade, postura, marcha, os usos que ela pode dar ao seu corpo. *Definem com precisão as dimensões de sua liberdade física*. E, claro, a relação entre liberdade física e desenvolvimento psicológico, possibilidade intelectual e potencial criativo é umbilical.

Em nossa cultura, nem uma parte do corpo de uma mulher é deixada intocada, inalterada. Nenhuma característica ou extremidade é poupada à arte, ou dor, de melhorar. Os cabelos são tingidos, lacados, alisados, feitos permanentes; as sobrancelhas são arrancadas, listradas, tingidas; os olhos são forrados, mascarados, sombreados; os cílios são enrolados, ou falsos — da cabeça aos pés, todos os traços do rosto da mulher, todas as seções do seu corpo, estão sujeitos a modificações, alterações. Esta alteração é um processo contínuo e repetitivo. É vital para a economia, a maior substância da diferenciação homem-mulher, a realidade física e psicológica mais imediata de ser mulher. A partir dos 11 ou 12 anos até a morte, a mulher gastará grande parte do seu tempo, dinheiro e energia para se costurar, depilar, pintar e se desodorizar. É comum e equivocadamente dito que travestis masculinos através do uso de maquiagem e da caricatura das mulheres se tornariam mulheres, mas qualquer conhecimento real do *ethos* romântico deixa claro que esses homens penetraram na experiência central de ser uma mulher, uma construção romantizada.

A tecnologia da beleza, e a mensagem que ela carrega, é transmitida de mãe para filha. A mãe ensina a filha a passar batom, a raspar debaixo dos

braços, a amarrar os seios, a usar cinta e sapatos de salto alto. A mãe ensina a filha concomitantemente o seu papel, o seu comportamento apropriado, o seu lugar. A mãe ensina à filha, necessariamente, a psicologia que define a feminilidade: uma mulher deve ser bela, para agradar ao amorfo e amoroso Ele. O que chamamos de *ethos* romântico opera tão vividamente na América do século 20 e na Europa quanto na China do século 10.

Essa transferência cultural de tecnologia, papel e psicologia afeta virtualmente a relação emotiva entre mãe e filha. Ela contribui substancialmente para a dinâmica ambivalente do amor-ódio dessa relação. O que a filha/criança chinesa deve ter sentido em relação à mãe que amarrou seus pés? O que qualquer filha/criança sente em relação à mãe que a obriga a fazer coisas dolorosas ao seu próprio corpo? A mãe assume o papel de forçadora: ela usa a sedução, o comando, todo tipo de força para coagir a filha a se conformar com as exigências da cultura. É porque esse papel se torna seu papel dominante na relação entre mãe e filha que as tensões e dificuldades entre mães e filhas são muitas vezes insolúveis. A filha que rejeita as normas culturais impostas pela mãe é forçada a uma rejeição básica da própria mãe, um reconhecimento do ódio e ressentimento que ela sentia por aquela mãe, uma alienação da mãe e da sociedade tão extrema que sua própria feminilidade é negada por ambas. A filha que interioriza esses valores e endossa esses mesmos processos é obrigada a repetir o ensinamento que lhe foi ensinado - sua raiva e ressentimento permanecem subterrâneos, canalizados contra sua própria descendência feminina, bem como contra sua mãe.

A dor é uma parte essencial do processo de preparação, e isso não é acidental. Arrancar as sobancelhas, raspar debaixo dos braços, usar cinta, aprender a andar com sapatos de salto alto, ter o nariz fixo, alisar ou encaracolar o cabelo - essas coisas doem. A dor, claro, ensina uma lição importante: nenhum preço é muito grande, nenhum processo é muito repulsivo, nenhuma operação é muito dolorosa para a mulher que seria bonita. *A tolerância à dor e a romantização dessa tolerância começa aqui*, na pré-adolescência, na socialização, e serve para preparar as mulheres para a vida de grávidas, de auto abnegação e de prazer para o marido. A experiência adolescente da "dor de ser mulher" lança a psique feminina num molde masoquista e obriga a adolescente a se conformar com uma autoimagem que se baseia na mutilação do corpo, dor felizmente sofrida e mobilidade física

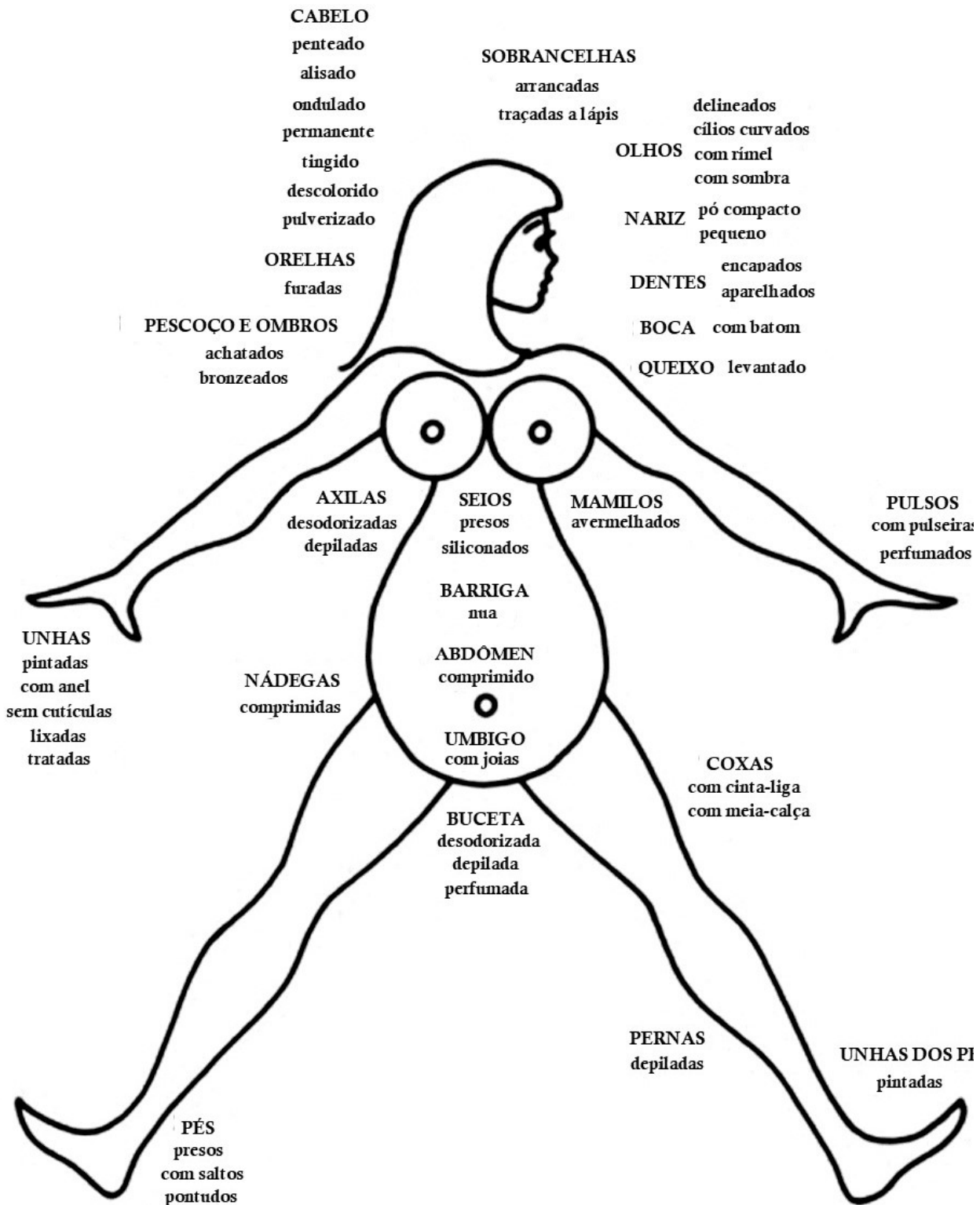
restrita. Ela cria as personalidades masoquistas geralmente encontradas em mulheres adultas: subservientes, materialistas (já que todo valor é colocado no corpo e na sua ornamentação), intelectualmente restritas, criativamente empobrecidas. Obriga a mulher a ser um sexo de menor realização, mais fraco, tão subdesenvolvido quanto qualquer nação atrasada. De fato, os efeitos dessa relação prescrita entre a mulher e seu corpo são tão extremos, tão profundos, tão extensos, que quase nenhuma área da possibilidade humana é deixada intocada por ela.

Os homens, é claro, gostam de mulheres que "cuidam de si mesma". A resposta masculina à mulher que é maquiada e amarrada é um fetiche aprendido, societal em suas dimensões. Basta se referir à idealização masculina do pé amarrado e dizer que a mesma dinâmica está operando aqui. Romance baseado na diferenciação de papéis, superioridade baseada em uma inferioridade culturalmente determinada e rigidamente imposta, vergonha e culpa e medo da mulher e do próprio sexo: tudo isso exige a perpetuação desses imperativos opressivos de aliciamento.

O significado desta análise do *ethos* romântico certamente é claro. Um primeiro passo no processo de libertação (mulheres da sua opressão, homens da falta de liberdade do seu fetichismo) é a redefinição radical da relação entre as mulheres e seus corpos. O corpo deve ser liberado, libertado, literalmente: da tinta e das cintas e de todas as variedades de porcarias. A mulher deve parar de mutilar seu corpo e começar a viver nele. Talvez a noção de beleza que então emergirá organicamente seja verdadeiramente democrática e demonstre respeito pela vida humana em sua infinita, e mais honrosa, variedade.



## A BELEZA DÓI



## ENIGMA

P: Por que as mulheres não fizeram grandes obras de arte?

R: Porque elas são grandes obras de arte.



# Ginocídio: As Bruxas

Nunca se soube ainda que uma pessoa inocente tenha sido punida por suspeita de bruxaria, e não há dúvida de que Deus jamais permitirá que tal coisa aconteça.

*Malleus Maleficarum*

Seria difícil dar uma ideia de como a Idade das Trevas era realmente escura. "Trevas" mal serve para descrever a escuridão social e intelectual daqueles séculos. O aprendizado do mundo clássico estava em um estado de eclipse. A riqueza desse mesmo mundo caiu nas mãos da Igreja Católica e de diversos monarcas, e a única democracia que as massas sem-terra de servos conheciam era uma distribuição democrática da pobreza. A doença era um caráter ainda mais cruel do que o Senhorio do Casarão. A Igreja medieval não acreditava que a limpeza estivesse ao lado da piedade. Pelo contrário, entre as tentações da carne e o Reino dos Céus, uma camada de sujeira, piolhos e vermes deveria proporcionar proteção e garantir a virtude. Como a carne era por definição pecaminosa, não devia ser descoberta, lavada ou tratada daquelas doenças que eram punição de Deus em primeiro lugar — daí a hostilidade da Igreja à prática da medicina e à busca do conhecimento médico. Abordada por essa predileção medieval pela sujeira e vergonha, sucessivas epidemias de lepra, convulsões epiléticas e peste dizimaram a população da Europa regularmente. Pensa-se que a Peste Negra tenha matado 25% de toda a população da Europa; dois terços a metade da população da França morreram; em algumas cidades todas as pessoas vivas morreram; em Londres estima-se que uma pessoa em cada dez sobreviveu:

Aos domingos, depois da missa, os doentes vinham aos montes, chorando por ajuda e palavras eram tudo o que eles recebiam: Vocês pecaram, e Deus está a afligir-vos. Graças a Ele: você vai sofrer tanto quanto menos tormento na vida que virá. Endurecer, sofrer, morrer. Não tem a Igreja suas orações pelos mortos.<sup>5</sup>

Fome e miséria, os companheiros constantes do servo, podem muito bem ter induzido os tipos de alucinações e histerias que a ignorância profunda traduziu como possessão demoníaca. Doenças, caos social, insurreições

---

<sup>5</sup> Jules Michelet, *Satanism and Witchcraft* (London: Tandem, 1969). p. 66.

camponesas, surtos de mania dançante (tarantismo) com sua flagelação em massa — a Igreja tinha que explicar esses males óbvios. Que tipo de Pastor era este, cujo rebanho era tão cruelmente e regularmente montado? Certamente os fogos infernais e a condenação eterna, que eram vívidos na imaginação cristã, foram modelados na experiência diária, na vida real da Terra.

A noção cristã da natureza do diabo passou por tantas transformações quanto a serpente passa por transformações de pele. Nesta evolução, a seleção natural desempenhou um papel determinante à medida que a Igreja foi criando na sua concepção as divindades mais adequadas à sua marca particular de teologia dualista. É uma constante cultural que os deuses de uma religião se tornam os demônios da outra, e a Igreja, intolerante a desvios nesta como em todas as outras áreas, vilipendiou os deuses das religiões pagãs que ameaçavam a supremacia católica na Europa até pelo menos o século XV. As religiões pagãs não eram monoteístas e seus panteões eram pouco conservadores em número. A Igreja tinha uma série de divindades para despachar e o teria feito rapidamente se não fossem os deuses antigos, seus fiéis adeptos, que se agarravam às práticas antigas, que tinham poder local, que tinham que ser pacificados. Assim, a Igreja fez uma espécie de roleta e enviou alguns deuses para o céu (canonizando-os) e outros para o inferno (condenando-os). Especialmente no sul da Europa, as divindades locais, anteriormente abrigadas no Olimpo, podiam continuar suas vocações tradicionais de curar os doentes e proteger os viajantes. A Igreja muitas vezes mudava os nomes dos deuses — para não se envergonhar, sem dúvida. Apolo, por exemplo, tornou-se São Apolinário; Cupido tornou-se São Valentim. Os deuses pagãos também podiam reter seus assombros favoritos — santuários, árvores, poços, cemitérios, agora recém decorados com uma cruz.

Mas no norte da Europa os velhos deuses não se saíram tão bem. Os povos do norte da Europa eram temperamental e culturalmente muito diferentes dos cristãos latinos, e suas religiões centravam-se em torno do totemismo animal e dos ritos de fertilidade. Os "pagãos" aderiram a um animismo primitivo. Eles adoravam a natureza (arqui-inimigo da Igreja), que se manifestava em espíritos que habitavam pedras, rios e árvores. Na fase paleolítica da caça, preocupavam-se com o controle mágico dos animais. Na fase agrícola neolítica posterior, predominavam as práticas de fertilidade para garantir o abastecimento de alimentos.

Os antropólogos acreditam agora que a primeira representação do homem de qualquer divindade antropomórfica é aquela de uma figura com chifres que usa a cabeça de um veado e aparentemente está dançando. Essa figura pode ser encontrada numa caverna em Arriège. As religiões primitivas adoravam ativamente os animais, e em particular os animais que simbolizavam a fertilidade masculina — o touro, o bode ou o veado. Danças extasiantes, festas, sacrifícios do deus ou de seu representante (humano ou animal) eram partes dos ritos. O mago-sacerdote-xamã tornou-se a encarnação terrestre do deus-animal e aparentemente vestido com as peles do animal sagrado (até o Faraó do Egito tinha uma cauda de animal presa à sua cintura). Lá estava ele, repleto de chifres e cascos — a divindade primitiva, atributos dele ecoando nas divindades posteriores Osíris, Ísis, Hathor, Pan e Jano. Sua adoração foi assimilada ao culto fálico dos deuses do céu do norte, subguerra (influência que pode ser vista nas práticas druídicas). Esses ritos pagãos e deidades mantiveram sua divindade na psique de massa, apesar de todas as tentativas da Igreja de colocá-los na lista negra. Alguns reis da Inglaterra foram convertidos pelos missionários, apenas para reverterem à antiga fé quando os missionários partiram. Outros mantiveram dois altares, um dedicado a Cristo, outro ao deus chifrado. Os camponeses nunca fizeram política — agarraram-se à fecundidade — crenças trágicas. Até o século X, a Igreja protestava contra esse "culto ao demônio", mas não podia fazer nada além de fazer proclamações, impor penitências e jejuns e, é claro, continuar a luta sem fim contra a natureza e a carne.

Este era um negócio sério, pois acreditava-se que o fim do mundo estava iminente. Para os bons cristãos, os preparativos para partir desta morada terrena incluíam a renúncia a todas as atividades hedonísticas (comer, dançar, foder, etc.). São Simão, em sua tentativa de evitar o crime de ser humano, fugiu para o deserto onde ergueu um pilar sobre o qual mortificou sua carne durante a maior parte de seus 72 anos. Ele foi tentado durante todo o tempo por visões de mulheres lascivas. Na verdade, era preciso fome, oração incessante e flagelação para ser visitado por mulheres lascivas naqueles dias e ainda levar a vida cristã perfeita.

A extremidade dos imperativos ascéticos da Igreja convidava a um deboche recíproco. A nobreza, quando não estava massacrando, impunha aquele costume mais curioso, o *jus primae noctis*, que legitimava o estupro de mulheres camponesas recém-casadas. As Cruzadas trouxeram do Oriente

especiarias e sífilis — que resumem seu conhecimento da cultura árabe. O clero era tão abertamente corrupto e sensual que sucessivos papas foram obrigados a reconhecê-lo. "Em 1102 um conselho da igreja teve que declarar especificamente que os sacerdotes deveriam ser degradados para sodomia e anátematizados para 'sodomia obstinada'."<sup>6</sup> Bispos e cardeais também eram conhecidos por foder por aí: "Um exemplo típico é aquele Bispo de Toul... cuja concubina favorita era sua própria filha, uma freira de Epinal."<sup>7</sup> Os mosteiros e claustros eram galopantes com a homossexualidade, mas freiras e monges se reuniam ocasionalmente para foder heterossexualmente.

Até o século XII, existiam basicamente três tipos de relacionamento com a Igreja. Havia os ascetas que fugiam das cidades para vaguear como animais no deserto e imitavam São Simão, que fazia do chiqueiro sua casa quando não estava no pilar. Os ascetas mortificavam a carne enquanto esperavam a destruição cataclísmica e a eterna ressurreição. Havia a nobreza, o clero e os soldados, que se deleitavam com os excessos carnavais de todos os tipos, e os servos que continuavam procriando porque era seu único escape e porque os nobres incentivavam o aumento do número de inquilinos. O último grupo, crucial para este período, foram os hereges. No século XII, vários grupos, vendo as abominações do cristianismo com crescente horror, começaram a expressar abertamente e até mesmo altamente o seu ceticismo. Estas seitas tiveram um papel proeminente na formação da ideia da Igreja sobre o Diabo.

Os valdenses, maniqueus e catarianos foram as principais seitas hereges. Diz-se que "os valdenses foram queimados pelas práticas pelas quais os franciscanos foram canonizados mais tarde".<sup>8</sup> O crime deles foi expor e zombar do clero como fraude. Pela sua piedade, sofreram o destino de todos os hereges, que era o de queimar. Mais influentes e mais perigosos eram os maniqueus, que traçaram suas origens até o persa Mani crucificado em 276 d. C. Os maniqueus adoravam um só Deus, que incorporava tanto o bem quanto o mal, a antiga ideia zoroastriana. Os catarianos, igualmente malignos segundo os cristãos, também adoravam o princípio dual:

...a principal qualidade dos catarianos era piedade e caridade. Eles estavam divididos em duas seções: os fiéis leigos comuns e os Perfecti, que acreditavam na total abstinência e até mesmo no fim lógico de toda ascese

---

<sup>6</sup> H. R. Hays, *The Dangerous Sex: The Myth of Feminine Evil* (London: Methuen and Co., 1966), p. 111.

<sup>7</sup> Pennethorne Hughes, *Witchcraft* (Harmondsworth: Penguin Books, 1971), p. 63.

<sup>8</sup> *Ibid.*, p. 65.

— a Endura — um repúdio apaixonado da humanidade física que os levou à fome e aparentemente até ao suicídio em massa. Eles adotaram a maior parte dos ensinamentos e dogmas cristãos do Novo Testamento, misturados com o ritual gnóstico, usando a ascese como um fim para as visões e outras consciências. Foram tão leais às suas crenças que um João de Toulouse conseguiu pleitear perante seus juizes em 1230... "Senhores: escutem-me. Não sou herege, pois tenho mulher e me deito com ela, e tenho filhos; como carne e minto e juro, e sou um cristão fiel." Muitos deles parecem, de fato, ter vivido com a piedade estéril dos santos. Por isso foram acusados de orgias sexuais e sacrilégio, e queimados e flagelados e assediados. No entanto, a heresia floresceu e os catarianos puderam realizar conferências em igualdade de condições com os bispos ortodoxos.

9

A Santa Inquisição, em sua infância, exterminou os catarianos, tentou exterminar os judeus, e depois passou a exterminar os Templários, a organização cristã de cavaleiros e conquista que se tornou poderosa e rica demais. Tinha-se tornado independente do clero e dos reis, e assim incorrera na ira de ambos. Com essas experiências sob seu cinturão em expansão, a Inquisição do século XV voltou-se para a perseguição daqueles mais hediondos de todos os hereges, as bruxas, ou seja, todos aqueles que ainda se agarravam às antigas crenças cultas da Europa pagã.

Os maniqueus e catarianos, para dar conta da existência do bem e do mal (o mais espinhoso dos problemas teológicos), adoravam o bem e o mal, ambos. Os católicos, não podendo aceitar essa solução, desenvolveram uma teologia complexa a respeito da relação entre Deus e o Diabo, agora chamado Satanás, que se apoiava na estranha ideia de que Satanás era limitado de algumas formas específicas, mas muito maravilhoso, sendo todas as suas maquinações, maldições e condenações "permitidas por Deus" e um testemunho da majestade divina de Deus. Aqui temos a versão católica do pensamento duplo. Através dos processos da famosa lógica de Aristóteles, adaptada por São Tomás de Aquino, que foi a base da teologia católica, ficou claro agora que não acreditar na existência literal de Satanás era equivalente ao ateísmo. O princípio do mal, articulado pelos maniqueus e catarianos, foi absorvido pelo catolicismo, juntamente com a figura chifruda dos antigos cultos pagãos, para produzir o satanás chifrudo, garras, preto, fogo e enxofre dos iconógrafos cristãos medievais.

---

<sup>9</sup> *Ibid.*, pp. 66-67.

Depois Calvino e Lutero também fizeram suas contribuições. Lutero teve mais contato pessoal com Satanás do que qualquer homem antes ou depois. Ele proclamou Satanás "Príncipe" deste reino terreno e considerou todas as experiências terrenas sob seu domínio. Lutero e Calvino concordaram que as boas obras não mais contavam — apenas a graça divina para os eleitos era suficiente para assegurar a entrada no Reino de Deus. Assim a Reforma Protestante obliterou a pequena medida de esperança que até o catolicismo oferecia. O próprio Calvino era um voraz caçador e queimador de bruxas.

Embora os protestantes tenham contribuído sem modéstia e com grande entusiasmo ao terror das bruxas, encontramos as origens das perseguições reais e organizadas, não inesperadamente, na Bula do Inocente VIII, emitida em 9 de dezembro de 1484. O papa nomeou Heinrich Kramer e James Sprenger como inquisidores e pediu-lhes que definissem bruxaria, descrevessem o *modus operandi* das bruxas e padronizassem os procedimentos de julgamento e sentença. A Bula Papal reverteu a posição anterior da Igreja, que havia sido formulada por um sínodo em 785 a. C.:

...se alguém, enganado pelo diabo, seguindo o costume dos pagãos, acredita que algum homem ou mulher é um feiticeiro que come homens, e por isso a queima ou dá a sua carne para comer, ou a come, é para ser punido com a morte.<sup>10</sup>

A Igreja tinha, portanto, durante 7 séculos considerado a crença na bruxaria uma crença pagã e a queima de bruxas supostamente um crime capital. O Papa Inocêncio, porém, seguro na infalibilidade papal e demonstrando uma verdadeira sensibilidade política (levando à consolidação do poder), descreveu a extensão de sua preocupação:

Ultimamente de fato tem chegado aos Nossos ouvidos, não sem Nos afligir com amarga dor, que em algumas partes do norte da Alemanha, bem como nas províncias, cidades, territórios, distritos e dioceses de Mainz, Cologne, Treves, Saltzburg e Bremen, muitas pessoas de ambos os sexos, desatentas à sua própria salvação e afastadas da Fé Católica, se abandonaram aos demônios, *incubi* [homens] e *succubi* [mulheres], e por seus encantamentos, feitiços, conjurações e outros amaldiçoados encantos e ofícios, inimizadas e ofensas horrendas, mataram ainda crianças no ventre da mãe, como também a prole do gado, explodiram os produtos da terra, as uvas da videira, o fruto das árvores, homens e mulheres, animais de estimação, animais do rebanho, assim como animais de outros tipos,

---

<sup>10</sup> Hays, *op. cit.*, p. 147.



vinhas, pomares, prados, pastagens, milho, trigo, e todos os outros cereais; esses infelizes, além disso, afligem e atormentam homens e mulheres, animais de estimação, animais do rebanho, bem como animais de outros tipos, com dores terríveis e piedosas e doenças dolorosas, tanto internas como externas; impedem os homens de praticar o ato sexual e as mulheres de conceber, donde os maridos não podem conhecer suas esposas nem as esposas recebem seus maridos; Além disso, blasfemam contra a Fé que lhes pertence pelo Sacramento do Batismo e, por instigação do Inimigo da Humanidade, não se encolhem de cometer e perpetuar as mais sujas abominações e os mais imundos excessos para o perigo mortal de suas próprias almas, por meio do qual ultrajam a Majestade Divina e são causa de escândalo e perigo para muitos.<sup>11</sup>

Para lidar com a crescente maré de bruxaria e em conformidade com as ordens do Papa, Sprenger e Kramer colaboraram no *Malleus Maleficarum*. Este documento, monumento à lógica e à metodologia acadêmica de Aristóteles (citando e indicando "autoridades"), cataloga as principais preocupações da teologia católica do século XV:

Pergunta I. Se a Crença de que existem Seres como Bruxas é uma Parte Essencial da Fé Católica a Obstinação em manter a Opinião Oposta manifesta sabores de Heresia (Resposta: Sim)

Pergunta III. Se as Crianças podem ser Geradas por *Incubi* e *Succubi* (Resposta: Sim)

Pergunta VIII. Se as Bruxas podem Incorporar o Poder da Geração ou Obstruir o Ato Venéreo (Resposta: Sim)

Pergunta IX. Se as bruxas podem trabalhar em alguma Ilusão Prestidigitatória para que o Órgão Masculino pareça ser totalmente removido e separado do Corpo (Resposta: Sim)

Pergunta XL. Que as Bruxas que são Parteiras de Várias Formas Matam a Criança Concebida no Ventre e Procuram Aborto; ou se não o fizerem, Oferecem Crianças recém-nascidas aos Diabos (Resposta: Sim)<sup>12</sup>

O *Malleus* também descreve o ritual e o conteúdo da bruxaria em si, embora na tradição do paternalismo nativo da Igreja, Sprenger e Kramer tenham o cuidado de não dar fórmulas de encanto ou outras informações perigosas. Eles escrevem sobre os "vários Métodos pelos quais os Demônios

---

<sup>11</sup> Heinrich Kramer and James Sprenger, *Malleus Maleficarum*, trans. by M. Summers (London: Arrow Books, 1971), pp. 29-30.

<sup>12</sup> *Ibid.*, Table of Contents.

através das Bruxas Seduzem e Atraem os Inocentes para o Incremento daquele Horrível Ofício e companhia"; "do Caminho onde se faz um Pacto Formal com o Mal"; "Como são Transportados de Lugar em Lugar"; "Aqui segue o Caminho onde as Bruxas copulam com aqueles Demônios conhecidos como Incubos"<sup>13</sup>, etc. Eles documentam como as bruxas ferem o gado, causam chuvas de granizo e tempestades, doenças em pessoas e animais, enfeitiçam os homens, transformam-se em animais, transformam animais em pessoas, cometem atos de canibalismo e assassinato. A principal preocupação de *Malleus* é com os acontecimentos naturais, a natureza, o mundo dinâmico real que se recusou a se conformar à doutrina católica — o *Malleus*, com trágicos erros de pensamento, explica a maioria dos aspectos da biologia, sexologia, medicina e clima em termos do demoníaco.

Antes de nos aproximarmos do lugar da mulher nesse pedaço mais cristão da história ocidental, a importância do próprio *Malleus* deve ser entendida. Na Idade das Trevas, poucas pessoas liam e os livros eram difíceis de serem encontrados. No entanto, o *Malleus* foi impresso em inúmeras edições. Foi encontrado em todas as salas de audiência. Tinha sido lido por todos os juízes, cada um deles o conhecia de trás pra frente. O *Malleus* tinha mais lucro do que a Bíblia. Era a teologia, era a lei. Desrespeitá-la, desafiar sua autoridade ("poços aparentemente inesgotáveis de sabedoria"<sup>14</sup>, escreveu Montague Summers, em 1946, ano em que nasci) era cometer heresia, um crime capital.

Embora as informações estatísticas sobre as perseguições à bruxaria sejam muito incompletas, existem registros judiciais em determinadas cidades e áreas que são precisos:

Em quase todas as províncias da Alemanha, a perseguição foi cada vez mais intensa. Seiscentos foram queimados por um único bispo em Bamberg, onde a cadeia especial de bruxas foi mantida totalmente lotada. Novecentos foram destruídos em um único ano no bispado de Wurzburg, e em Nuremberg e outras grandes cidades houve cem ou duzentos queimados por ano. Assim como na França e na Suíça. Mil pessoas foram mortas em um ano no distrito de Como. Remigius, um dos inquisidores, autor de *Daemonolatvia* e juiz em Nancy, gabou-se de ter causado pessoalmente a queima de novecentas pessoas no decorrer de quinze

---

<sup>13</sup> *Ibid.*

<sup>14</sup> *Ibid.*, Preface.

anos. Delrio diz que quinhentos foram executados em Genebra, em três meses aterrorizados, em 1515. A Inquisição de Toulouse destruiu quatrocentas pessoas em uma única execução, e cinquenta em Douai em um único ano. Em Paris, as execuções eram contínuas. Nos Pirineus, uma terra de lobos, a forma popular era a do *loup-garou*, e De L'Ancre em Labout queimou duzentas pessoas.<sup>15</sup>

Estima-se que pelo menos 1.000 foram executados na Inglaterra, e os escoceses, galeses e irlandeses foram ainda mais ferozes em suas purgações. É difícil chegar a um número para todo o continente e as Ilhas Britânicas, mas a estimativa mais responsável parece ser de 9 *milhões*. É bem possível, argumentam algumas autoridades, que tenham sido mais. Nove milhões parecem quase moderados quando se percebe que o Beato Reichhelm de Schongan no final do século XIII calculou que o número dos demônios era de 1.758.064.176. Um conservador, Jean Weir, médico do Duque de Cleves, estimou o número em apenas 7.409.127. A proporção de mulheres para homens executados foi variadamente estimada em 20 para 1 e 100 para 1. A bruxaria foi um crime de mulher.

Os homens eram, não surpreendentemente, na maioria das vezes, os enfeitiçados. Sujeitos aos maus desígnios das mulheres, eles eram vítimas aterrorizadas. Os homens que foram condenados por bruxaria eram muitas vezes familiares de bruxas condenadas, ou estavam em posições de poder civil, ou tinham ambições políticas que conflitavam com as da Igreja, um monarca, ou um dignitário local. Os homens eram protegidos de se tornarem bruxas não apenas em virtude de intelecto e fé superiores, mas porque Jesus Cristo, divindade fálica, morreu "para preservar o sexo masculino de um crime tão grande: como Ele estava disposto a nascer e a morrer por nós, por isso Ele concedeu aos homens esse privilégio".<sup>16</sup> Cristo morreu literalmente pelos *homens* e deixou as mulheres para se defenderem do próprio diabo. Sem a intercessão pessoal de Cristo, as mulheres permaneceram o que sempre tinham sido na cultura judaico-cristã:

Agora se fala da maldade das mulheres em *Eclesiasticus xxv*. Não há cabeça acima da cabeça de uma serpente; e não há ira acima da ira de uma mulher. Eu preferia morar com um leão e um dragão do que ficar em casa com uma mulher má. E entre muitas coisas que naquele lugar precedem e seguem sobre uma mulher má, ele conclui: Toda a maldade é pouco para

---

<sup>15</sup> Hughes, *op. cit.*, pp. 183-84.

<sup>16</sup> Kramer and Sprenger, *op. cit.*, p. 123.

a maldade de uma mulher. Por isso S. João Crisóstomo diz no texto. Não é bom se casar (S. Mateus xix): O que mais é a mulher senão um inimigo da amizade, um castigo inevitável, um mal necessário, uma tentação natural, uma calamidade desejável, um perigo doméstico, um prejuízo delicioso, uma natureza má, pintada com cores justas!... diz Cícero em seu segundo livro de *A Retórica*. As muitas luxúrias dos homens os levam a um só pecado, mas a única luxúria das mulheres as leva a todos os pecados; pois a raiz de todos os vícios da mulher é a avareza... Quando uma mulher pensa sozinha, ela pensa o mal.<sup>17</sup>

A palavra "mulher" significa "a luxúria da carne. Como é dito: encontrei uma mulher mais amarga que a morte, e uma boa mulher sujeita à luxúria carnal."<sup>18</sup>

Outras características das mulheres as tornavam permeáveis ao pecado e à parceria com Satanás:

E a primeira é que elas são mais crédulas... A segunda razão é, que as mulheres são naturalmente mais impressionáveis, e mais preparadas para receber a influência de um espírito desencarnado...

A terceira razão é que elas têm línguas escorregadias, e são incapazes de esconder de seus semelhantes as coisas que por artes malignas elas conhecem; e como são fracas, encontram uma maneira fácil e secreta de se vingarem por bruxaria...

...porque nesses tempos essa perfídia é mais encontrada nas mulheres do que nos homens, como aprendemos pela experiência real, se alguém está curioso quanto ao motivo, podemos acrescentar ao que já foi dito o seguinte: que, como são mais taxadas tanto na mente quanto no corpo, não é de se estranhar que venham mais sob o feitiço da bruxaria.

Pois no que diz respeito ao intelecto, ou à compreensão das coisas espirituais, elas parecem ser de natureza diferente dos homens; fato que é atestado pela lógica das autoridades, apoiada por vários exemplos das Escrituras. Diz Terence: As mulheres são intelectualmente como as crianças.<sup>19</sup>

As mulheres são por natureza instrumentos de Satanás - elas são por natureza carnis, um defeito estrutural enraizado na criação original:

---

<sup>17</sup> *Ibid.*, pp. 114-15.

<sup>18</sup> *Ibid.*, pp. 115-16.

<sup>19</sup> *Ibid.*

Mas a razão natural é que ela é mais carnal do que um homem, como fica claro em suas muitas abominações carnis. E é de se notar que houve um defeito na formação da primeira mulher, pois ela foi formada a partir de uma costela dobrada, isto é, costela do peito, que está dobrada como que em sentido contrário ao de um homem. E como através desse defeito ela é um animal imperfeito, ela sempre engana... E tudo isso é indicado pela etimologia da palavra; pois *Femina* vem de *Fe* e *Minus*, pois é sempre mais fraca para segurar e preservar a Fé. E isto no que diz respeito à fé é da sua própria natureza...<sup>20</sup>

...Isto é assim mesmo entre mulheres santas, então o que deve ser entre outras?<sup>21</sup>

Além disso, "mulheres também têm memórias fracas", "a mulher seguirá seu próprio impulso até a sua própria destruição", "quase todos os reinos do mundo foram derrubados pelas mulheres", "o mundo agora sofre através da maldade das mulheres", "uma mulher é linda de se olhar, contaminante ao toque, e mortal de se manter", "ela é uma mentirosa por natureza", "seu andar, postura e hábito... é vaidade das vaidades".<sup>22</sup>

As mulheres são descritas de forma mais viva como sendo "mais amargas do que a morte":

E encontrei uma mulher mais amarga que a morte, que é a armadilha do caçador, e seu coração é uma rede, e suas mãos são bandos. Aquele que agrada a Deus escapará dela; mas aquele que é pecador será apanhado por ela. Mais amarga que a morte, isto é, que o diabo...

Mais amarga que a morte, novamente, porque isso é natural e destrói apenas o corpo; mas o pecado que surgiu da mulher destrói a alma, privando-a da graça, e entrega o corpo até ao castigo pelo pecado.

Mais amarga que a morte, mais uma vez, porque a morte corporal é um inimigo aberto e terrível, mas a mulher é um inimigo sibilante e secreto.<sup>23</sup>

e também:

---

<sup>20</sup> *Ibid.*, p. 117.

<sup>21</sup> *Ibid.*, p. 118.

<sup>22</sup> *Ibid.*, pp. 119-21.

<sup>23</sup> *Ibid.*, p. 112.

E que ela é mais perigosa do que uma armadilha sem falar da armadilha dos caçadores, mas dos demônios. Pois os homens são apanhados não só pelos seus desejos carnis, quando veem e ouvem as mulheres: pois diz S. Bernardo: O seu rosto é um vento ardente, e a sua voz o assobio das serpentes... E quando se diz que seu coração é uma rede, fala da impenetrável malícia que reina em seus corações...

Para concluir: Toda bruxaria vem da luxúria carnal, que está na mulher insaciável. Veja Provérbios xxx: há três coisas que nunca são satisfeitas, sim, uma quarta coisa que diz que não, é suficiente; isto é, a boca do ventre.<sup>24</sup>

Aqui a definição de mulher, assim como a definição pornográfica, é a sua carnalidade; a essência do seu caráter, em comum com a definição de conto de fadas, é a sua malícia e avareza. As palavras fluem com muita facilidade em nossa era psicanalítica: estamos lidando com um terror existencial de mulheres, da "boca do ventre", decorrente de uma ansiedade primordial sobre a potência masculina, ligada a um desejo de autocontrole (fálico); os homens têm medos profundamente enraizados de castração, que se expressam como um horror ao útero. Esses terrores formam o substrato de um mito do mal feminino que, por sua vez, justifica vários séculos de ginocídio.

As evidências, fornecidas pelo *Malleus* e execuções que escureceram aqueles séculos, são quase ilimitadas. Uma preocupação particular era que os demônios roubavam sêmen (vitalidade) de homens inocentes e adormecidos - bruxas sedutoras visitavam os homens enquanto dormiam, e faziam o roubo maléfico. Como escreveu Ernest Jones:

A explicação para essas fantasias certamente não é difícil. Uma visita noturna de um ser belo ou assustador que primeiro esgota o adormecido com abraços apaixonados e retira dele um fluido vital: tudo isso pode apontar apenas para um processo natural e comum, ou seja, para emissões noturnas acompanhadas de sonhos de natureza mais ou menos erótica. Na mente inconsciente o sangue é comumente um equivalente para o sêmen.<sup>25</sup>

Sonhar muitas vezes acabou em lenta incineração na fogueira.

---

<sup>24</sup> *Ibid.*, pp. 122-23.

<sup>25</sup> Hays, *op. cit.*, p. 151.

A prova mais flagrante da natureza explicitamente sexual das perseguições, porém, teve a ver com um dos crimes mais frequentes das bruxas: elas lançavam "encantos" sobre o órgão masculino para que ele desaparecesse por completo. Sprenger e Kramer fazem de tudo para provar que as bruxas não retiram realmente a genitália, apenas a tornam invisível. Se tal encanto durar menos de 3 anos, um casamento não pode ser anulado; se durar 3 anos ou mais, é considerado um fato permanente e anula qualquer casamento. Os católicos que agora buscam fundamentos para o divórcio talvez devessem considerar o uso desse argumento.

Os homens perderam seus genitais com bastante frequência. Na maioria das vezes, a mulher responsável pela perda era uma amante castrada, maliciosamente voltada para a feitiçaria. Se o homem enfeitiçado pudesse identificar a mulher que o havia afligido, poderia exigir a reintegração de seus genitais:

Um jovem que perdeu seu membro e suspeitava de uma certa mulher, amarrou uma toalha no pescoço dela, a sufocou e exigiu ser curado. "A bruxa o tocou com a mão entre as coxas, dizendo: 'Agora você tem o seu desejo'." Seu membro foi imediatamente restaurado.<sup>26</sup>

Muitas vezes as bruxas, gananciosas em virtude da feminilidade, não se contentavam com o roubo de um genital:

E o que pensar, então, daquelas bruxas que desta forma, às vezes, recolhem órgãos masculinos, até vinte ou trinta membros juntos, e os colocam num ninho de pássaros ou os fecham numa caixa, onde se movem como membros vivos e comem aveia e milho, como já foi visto por muitos, como é uma questão de relatório comum?<sup>27</sup>

Como podemos entender que milhões de pessoas durante séculos aceitaram como verdade literal essas alegações notavelmente idiotas? Como podemos começar a compreender que essas crenças funcionaram como base de um sistema de jurisprudência que condenou 9 milhões de pessoas, a maioria mulheres, a serem queimadas vivas? O texto literal do *Malleus Maleficarum*, com seu ódio frenético e psicótico à mulher e o fato dos 9 milhões de mortes, demonstra o poder do mito do mal feminino, revela como ele dominou a

---

<sup>26</sup> *Ibid.*, p. 153.

<sup>27</sup> *Ibid.*

dinâmica de uma cultura, mostra o terror primordial absoluto que as mulheres, como seres carnis, guardam para os homens.

Vemos no texto do *Malleus* não apenas o medo da perda de potência ou virilidade, mas dos próprios genitais — um pavor de perder o pau e as bolas. A razão desse medo talvez se localize na natureza da perseverança do ato sexual: os homens entram na vagina duramente, eretos; os homens emergem drenados de vitalidade, o pau flácido. A perda do sêmen, e a sensação de fraqueza que é seu conjunto biológico, tem um significado extraordinário para o homem. A tradição hindu, por exemplo, postula que o homem deve ou expelir o sêmen e depois aspirá-lo de volta para dentro do pênis, ou não ejacular de todo. Para aqueles homens ocidentais para os quais o orgasmo é simultâneo à ejaculação, o sexo deve ser a morte mais literal, com a misteriosa, musculada, sugadora vagina o traficante da morte.

Localizar as origens do mito do mal feminino na castração masculina e nos medos de potência não é tanto participar da visão de mundo freudiana, mas aceitar e aplicar o método do antropólogo e ligar o homem judaico-cristão ocidental com os primitivos australianos, africanos ou das Ilhas Trobriand. Fazer isso é desafiar o egoísmo que informa nossa atitude histórica em relação a nós mesmos e que nos separaria do resto da espécie. Nada indica que a "civilização", a "cultura" e/ou o cristianismo tenham de alguma forma moderado o temor primordial do macho à castração. Muito pelo contrário, a história pode até ser definida como o estudo da expressão concreta desse pavor.

Os cristãos em sua múltipla variedade continuavam a tradição judaica altamente desenvolvida a partir da misoginia, do patriarcado e da supressão sexista, alternativamente conhecida como a propaganda exagerada do Jardim do Éden. O mito da criação de Adão e Eva é o mito básico do homem e da mulher, da criação, da morte e do sexo. Há outra lenda judaica, a de Adão-Lilith, que nunca assumiu esse lugar porque implica outros valores, não sexistas, não patriarcais. O relato de Gênesis de Adão e Eva no Éden envolve, segundo Hays, três temas: "a transição da vida primitiva para a civilização, a vinda da morte e a aquisição do conhecimento".<sup>28</sup> Como aponta Hays, Adão estava sendo avisado por Deus Pai que se comer da árvore do conhecimento morrerá.

---

<sup>28</sup> *Ibid.*, p. 89.



A serpente diz a Eva que ela e Adão não morrerão. A serpente, ao que parece, disse a verdade imediata: Adão e Eva não caem mortos; ao contrário, eles se conhecem carnalmente.

O sexo é, bíblicamente falando, a única fonte da civilização, da morte e do conhecimento. Como castigo, Adão deve ir ao trabalho e Eva deve ter filhos. Temos aqui o início da família humana e da ética do trabalho, ambos ligados à culpa e à repressão sexual em virtude de suas origens. Poderíamos supor, com toda a certeza de um *quarterback* de segunda-feira de manhã, que Adão e Eva sempre foram mortais e carnis e que, ao comerem os frutos proibidos, só se deram conta de qual sempre foi a sua condição. Deus nunca foi muito direto com as pessoas.

Se a precisa moral da história é que a morte é um castigo direto pelo conhecimento carnal (que pode fazer da culpa um corolário epistemológico) ou que a consciência do sexo e da morte são cotérminos, o fato de o homem conhecer e sentir culpa está enraizado no conteúdo edipiano da lenda. Em um patriarcado, não se desobedece ao pai.

O legado de Adão pós-Eden é o conhecimento sexual, a mortalidade, a culpa, a labuta e o medo da castração. Adão tornou-se um homem humano, o chefe de uma família. Seu pecado foi menor que o de Eva, aparentemente por definição novamente. Até mesmo no Paraíso, a falta de vontade, a infidelidade, a carnalidade, a luxúria, a cobiça, a inferioridade intelectual e uma estupidez metafísica marcam seu caráter. Mas o pecado dela era maior que o de Adão. Deus, em sua sabedoria, a criou de um modo que a deixou indefesa contra as artimanhas da serpente — a serpente se aproximou dela por isso mesmo. No entanto, ela carrega a responsabilidade pela queda. O pensamento ambíguo é claramente bíblico em suas origens.

O legado de Eva foi uma dupla maldição: "À mulher Ele disse: multiplicarei grandemente a tua dor e o teu trabalho; na dor darás à luz filhos; e o teu desejo será para o teu marido, e ele dominará sobre ti."<sup>29</sup> Assim, o ciclo menstrual e a tradicional agonia do parto não compreendem o castigo total — o patriarcado é a outra metade dessa antiga maldição.

---

<sup>29</sup> The Holy Bible (Philadelphia: National Bible Press, 1954), p. 8.

Os cristãos, claro, como Avis, esforçando-se mais, vendo na mulher a raiz de todo o mal, limitaram-na a criar mais pecadores para a Igreja salvar. Não é de se admirar, então, que as mulheres permanecessem fiéis adeptas dos cultos totêmicos mais antigos da Europa Ocidental que honravam a sexualidade feminina, deificavam os órgãos sexuais e a capacidade reprodutiva e reconheciam a mulher como encarnando o poder regenerativo da natureza. Os rituais desses cultos, centrados como o fizeram na potência sexual, nascimento e fenômenos ligados à fertilidade, haviam sido desenvolvidos pelas mulheres. A magia era a substância do ritual, o conteúdo da crença. A magia das bruxas era um imponente catálogo de habilidades médicas relativas aos processos reprodutivos e psicológicos, um conhecimento sofisticado de telepatia, auto e heterosugestão, hipnotismo e drogas que controlam o humor. As mulheres conheciam a natureza medicinal das ervas e desenvolviam fórmulas para o seu uso. As mulheres fiéis aos cultos pagãos desenvolveram a ciência da medicina orgânica, usando a vegetação, antes que houvesse qualquer noção da *profissão* da medicina. Paracelso, o médico mais famoso da Idade Média, afirmava que tudo o que sabia tinha aprendido com "as boas mulheres".<sup>30</sup>

Experimentando ervas, as mulheres aprenderam que aquelas que matariam quando administradas em grandes doses tinham poderes curativos quando administradas em quantidades menores. Infelizmente, é como envenenadoras que as bruxas são lembradas. As bruxas usavam drogas como beladona e aconita, anfetaminas orgânicas e alucinógenos. Elas também foram pioneiras no desenvolvimento de analgésicos. Realizavam abortos, prestavam toda a ajuda médica para os nascimentos, eram consultadas em casos de impotência que tratavam com ervas e hipnotismo, e foram as primeiras praticantes de eutanásia. Como a Igreja impôs a maldição de Eva, recusando-se a permitir qualquer alívio da dor do parto, foi deixado para as bruxas diminuir a dor e a mortalidade ao máximo que pudessem. Foi especialmente como parteiras que essas aprendizes ofenderam a Igreja, pois, como Sprenger e Kramer escreveram, "Ninguém faz mais mal à Fé Católica do que as parteiras".<sup>31</sup> A objeção católica ao aborto centrava-se especificamente na maldição bíblica que tornava a gravidez um castigo doloroso — não tinha a ver com o "direito à vida" do feto por nascer. Também foi dito que as parteiras eram capazes de remover as dores de parto da mulher e transferir essas dores

---

<sup>30</sup> Michelet, *op. cit.*, p. 68.

<sup>31</sup> Kramer and Sprenger, *op. cit.*, p. 161.

para o marido — claramente em violação à injunção divina e à intenção de ambos.

As origens do conteúdo mágico dos cultos pagãos podem ser rastreadas até as fadas, que eram um povo real, neolítico, menor em estatura do que os nativos do norte da Europa ou da Inglaterra. Eram um povo pastoral que não tinha conhecimento da agricultura. Fugiram diante de assassinos e missionários mais fortes, tecnologicamente mais avançados, que desprezavam sua cultura. Criaram comunidades na terra e mantiveram suas moradias em montes meio escondidos no chão. As fadas desenvolveram aquelas habilidades mágicas pelas quais as bruxas, séculos depois, foram queimadas.

A organização socioreligiosa da cultura das fadas era matriarcal e provavelmente poligâmica. A cultura das fadas ainda existia na Inglaterra no final do século XVII, quando até mesmo as crenças pagãs das primeiras bruxas haviam degenerado na paródia cristã que associamos ao satanismo. Os cristãos diretamente reconheceram as fadas como feiticeiras antigas e originais, mas erroneamente viram toda a sua cultura como uma expressão do demoníaco. Havia comunicação entre as fadas e as mulheres pagãs, e qualquer evidência de que uma mulher havia visitado as fadas era considerada prova segura de que ela era uma bruxa.

Havia, então, três fenômenos distintos, embora inter-relacionados: a raça das fadas com sua organização social matriarcal, seu conhecimento de magia esotérica e medicina; os cultos da fertilidade orientada à mulher, também praticantes de magia esotérica e medicina; e, mais tarde, os cultos diluídos da bruxaria, paródias degeneradas do cristianismo. Há uma particular confusão quando se tenta distinguir entre os dois últimos fenômenos. Muitas das mulheres condenadas pela Inquisição eram verdadeiras devotas da Religião Antiga. Muitas foram confundidas pela militância e agressão cristã, para não mencionar a tortura e a ameaça de queimadas, e viam a si mesmas como bruxas diabólicas e condenadas.

A compreensão do que a Religião Antiga realmente era, como ela funcionava, é crucial se quisermos entender a natureza precisa da caça às bruxas, a quantidade e o tipo de distorção que o mito do mal feminino tornou possível, quem eram as mulheres que estavam sendo queimadas, e o que elas realmente tinham feito. As informações disponíveis vêm principalmente das

confissões de bruxas acusadas, registradas e distorcidas pelos Inquisidores, e do trabalho de antropólogas como Margaret Murray e C. L'Estrange Ewen. O cenário dos cultos de feitiçaria é recortado a partir dessas fontes, mas muitas peças estão faltando. Muito conhecimento desaparece com 9 milhões de pessoas.

A religião foi organizada com integridade geográfica. As comunidades tinham suas próprias organizações, estruturadas principalmente em convênios, com cidadãos locais como administradores. Havia reuniões semanais que cuidavam dos negócios — chamavam-se esbats. Depois havia reuniões maiores, chamadas de sabbats, onde muitos convênios se reuniam para festividades totêmicas. Pode ter havido uma verdadeira organização continental com uma cabeça poderosa, mas as evidências sobre este ponto são ambíguas. Era uma religião proselitista, em que os não-membros eram abordados por autoridades locais e convidados a participar. As condições de adesão a um convênio eram o livre consentimento do indivíduo, abjuração de todas as outras crenças e lealdades (particularmente a renúncia a qualquer lealdade à nova Fé Católica), e um juramento de lealdade ao deus chifrado. A filiação foi contratual, ou seja, um membro assinou um contrato efetivo que limitava suas obrigações ao culto a um número específico de anos, ao final dos quais era livre para terminar a lealdade. Na maioria das vezes o Diabo "prometeu a ela dinheiro, e que ela viveria galantemente e teria o prazer do Mundo"...<sup>32</sup> As dívidas da neófita provavelmente foram pagas e ela sem dúvida também aprendeu os segredos da medicina, drogas, telepatia e simples saneamento, o que teria melhorado consideravelmente todos os aspectos de sua existência terrena. Foi somente segundo a Igreja que ela perdeu sua alma como parte do negócio. E, será desnecessário dizer, foi a Igreja, não o Diabo, que lhe tirou a vida.

Uma vez que a neófita tomava a decisão pelo deus chifrado, ela passava por uma iniciação formal, muitas vezes conduzida ao sabbat. A cerimônia era simples. A iniciada declarava que estava se unindo ao convênio de sua livre vontade e jurava devoção ao mestre do convênio que representava o deus com chifres. Ela era então marcada com algum tipo de tatuagem que era chamada de marca das bruxas. O influxo da tatuagem era doloroso, e o processo de cura era longo. Quando curada, a cicatriz era vermelha ou azul e indelével. Um

---

<sup>32</sup> Hughes, *op. cit.*, pp. 97-98.

método particularmente favorável aos caçadores de bruxas quando caçavam era levar uma mulher suspeita, raspar seus pelos púbicos e outros pelos do corpo (incluindo pelos da cabeça, sobrancelhas, etc.) e, ao encontrar qualquer cicatriz, declará-la culpada de bruxaria. Além disso, a existência de qualquer mamilo supranumerário, comum em todos os mamíferos, era prova de culpabilidade.

A iniciada recebia frequentemente um novo nome, especialmente se ela tivesse um nome cristão como Maria ou Fé. As crianças, quando chegavam à puberdade, eram iniciadas no convênio — os pais naturalmente queriam que seus filhos compartilhassem a religião da família. A Inquisição era tão impiedosa com as crianças quanto com os adultos. Há histórias de crianças sendo chicoteadas enquanto suas mães estavam sendo queimadas — isso foi chamado de prevenção.

A cerimônia religiosa, que era o principal conteúdo do sabbat, incluía dançar, comer e foder. Os adoradores prestavam homenagem ao deus chifrado, beijando seu representante, o mestre do convênio, em qualquer lugar que ele indicasse. O beijo era geralmente na bunda do mestre — designado, dizem alguns, para provocar os cristãos da antisodomia. Aquele beijo ritualístico era possivelmente colocado sobre uma máscara que a figura fantasiada — mascarada, com chifres, usando peles de animais, e provavelmente um falo artificial — usava sob sua cauda. O disfarce conjuga o antigo Janus de duas caras.

As bruxas dançavam em uma direção oposta ao caminho do sol, um rito antigo e simbólico. Os luteranos e puritanos proibiram a dança porque ela evocava para eles o espetáculo do culto pagão.

Após a dança, as bruxas comiam. Muitas vezes elas traziam sua própria comida, principalmente na tradição dos almoços de piquenique, e algumas vezes o líder do convênio proporcionava um verdadeiro banquete. Os cristãos alegavam que as bruxas eram canibais e que seu jantar era uma orgia de carne humana, cozinhada e guarnecida como só o Diabo sabia fazer. Na verdade, o jantar comum a todos os sabbats era uma simples refeição de comida usual.

Toda a noção de canibalismo e sacrifício tem sido teimosa, persistente e propositadamente mal compreendida. Não há evidências de que qualquer

criança viva tenha sido morta para ser comida, ou que qualquer criança viva tenha sido sacrificada. Há evidências de que algumas vezes crianças mortas foram comidas ritualisticamente, ou usadas em rituais. O canibalismo, e seu substituto não tão simbólico, o sacrifício de animais, era uma parte vital do ritual de todas as religiões primitivas, incluindo a judaica. As bruxas participavam dessa tradição de forma bastante modesta: geralmente sacrificavam uma cabra ou uma galinha. Foram os cristãos que desenvolveram e estenderam o sistema de sacrifício e canibalismo do Velho Mundo a fins quase surreais: Cristo, o cordeiro sacrificial, que morreu uma morte agonizante na cruz para assegurar o perdão dos pecados dos homens e cujos seguidores simbolicamente, ainda hoje, comem da sua carne e bebem do seu sangue — o que é a Eucaristia se não o canibalismo fossilizado?

A atividade final do sabbat era uma orgia fálica — sexo comunitário, pagão, drogado. O sexo do sabbat se distingue pela descrição da dor. Dizia-se que a relação sexual era dolorosa, que o falo do líder do convênio mascarado era frio e superdimensionado, que nenhuma mulher jamais concebeu. Parece que a figura com chifres usava um falo artificial e podia servir a todos os celebrantes. A Religião Antiga, ao contrário da Religião Cristã, celebrava a sexualidade, a fertilidade, a natureza e o lugar da mulher nela, e o sexo comunitário era um rito lógico e sacrossanto.

O culto aos animais também é inerente aos sistemas religiosos baseados na natureza. Os povos primitivos existiam entre os animais, pouco distintos deles. Através do ritual religioso, as pessoas se diferenciavam dos animais e lhes davam honra — eles eram alimento, sustento. Havia um respeito pelo mundo natural — as pessoas eram caçadoras e caçadas simultaneamente. A perspectiva deles era aguçada. Eles adoravam o espírito e o poder que viam manifestar-se no mundo carnívoro do qual eram parte integrante. Quando o homem começou a ser "civilizado", a se separar da natureza, a se colocar acima da mulher (ele se tornou Mente, ela se tornou Carnalidade) e de outros animais, ele começou a buscar poder sobre a natureza, controle mágico. Os cultos das bruxas ainda tinham um forte sentido das pessoas como parte da natureza, e os animais mantinham um lugar de destaque tanto no ritual quanto na consciência das bruxas. Os cristãos, que tinham um ódio profundo e compulsivo pelo mundo natural, pensavam que as bruxas, por malícia e desejo de poder (pura projeção, sem dúvida), haviam mobilizado a natureza/os animais para um exército anti-cristão robótico. Os caçadores de bruxas

estavam convencidos de que sapos, ratos, cães, gatos, etc., recebiam ordens de bruxas, levavam maldições de uma fazenda para outra, causavam morte, histeria e doenças. Pensavam que a natureza era uma conspiração maciça e rastejante contra eles e que a conspiração era organizada e controlada pelas mulheres malvadas. De fato, eles podem ser creditados pelo pioneirismo da política da paranoia total — eles desenvolveram o modelo clássico para aquela patologia particular que tem, como consequência lógica, o genocídio. Seus métodos de lidar com a ameaça das bruxas foram desenvolvidos empiricamente — eles tinham um grande respeito pelo que funcionava. Por exemplo, quando suspeitavam de uma mulher por bruxaria, trancavam-na em um quarto vazio por vários dias ou semanas e se algum ser vivo, qualquer inseto ou aranha, entrasse naquele quarto, essa criatura era identificada como familiar da mulher, e ela era provada culpada de bruxaria. Naturalmente, dado o fato de que os insetos estão em toda parte, particularmente na carpintaria, esse teste de culpa sempre funcionou.

Os gatos eram particularmente associados a bruxas. Essa associação é baseada no antigo significado totêmico do gato:

É sabido que para os Egípcios os gatos eram sagrados. Eles eram considerados encarnações de Ísis e havia também uma divindade felina... Através de Osíris (Ra) eles eram associados ao sol; os raios do "gato solar", que era retratado matando a "serpente das trevas" a cada amanhecer, acredita-se que produziam fecundidade na Natureza, e assim os gatos eram figuras de fertilidade... Os gatos também eram associados com Hathor, uma deusa de cabeça de vaca, e, portanto, com as colheitas e a chuva...

Ainda mais forte, porém, foi a associação do gato com a lua, e assim ela era uma deusa virgem — uma encarnação mãe-virgem. Em seu caráter de moça, ela era inviolável e auto renovadora... o círculo que ela forma em uma posição enrolada [é visto como] o símbolo para a eternidade, uma recriação sem fim.<sup>33</sup>

Os cristãos não apenas converteram o deus chifrudo em Satanás, mas também o gato sagrado em uma encarnação demoníaca. As bruxas, ao aceitarem os familiares e particularmente em seu sentimento especial pelos gatos, só participaram de uma tradição antiga que tinha como substância o amor e o respeito pelo mundo natural.

---

<sup>33</sup> Gillian Tindall, *A Handbook on Witches* (New York: Atheneum, 1966), p. 99.

Também se acreditava que a bruxa poderia se transformar em um gato ou outro animal. Esta noção, chamada licantropia, tem duas vertentes:

...ou a crença de que uma pessoa bruxa ou diabólica assume temporariamente uma forma animal, para devastar ou destruir; ou que criam um "duplo" animal no qual, deixando o corpo humano sem vida em casa, ele ou ela pode vaguear, aterrorizar ou agredir a humanidade.<sup>34</sup>

As origens da crença na licantropia podem ser traçadas em rituais de grupo em que celebrantes, vestidos como animais, recriavam movimentos animais, sons, até mesmo padrões de caça. Como rituais de grupo, essas celebrações seriam pré-históricas. As próprias bruxas, através do uso de beladona, aconita e outras drogas, sentiam que se transformavam em animais.\* O efeito da crença na licantropia sobre a população geral era elétrico: um cão vadio, um gato selvagem, um rato, um sapo — todas eram bruxas, agentes de Satanás, trazendo consigo a seca, a doença, a morte. Qualquer animal do meio ambiente era perigoso, demoníaco. A lenda do lobisomem (popularizada na fábula da Chapeuzinho Vermelho) causava terror. No Labout, duzentas pessoas foram queimadas como lobisomens. Havia histórias intermináveis de fazendeiros matando animais que os atormentavam durante a noite, só para descobrir na manhã seguinte que uma respeitável matrona da cidade havia sido ferida exatamente da mesma maneira.

As bruxas, é claro, também podiam voar em vassouras, e muitas vezes voavam. Antes de ir para o sabbat, elas irritavam seus corpos com uma mistura de beladona e aconita, o que provocava delírios, alucinações, e dava a sensação de voar. A vassoura era um símbolo quase arquetípico da

---

\* Para um relato contemporâneo da licantropia, eu sugeriria *The Teachings of Don Juan: A Yaqui Way of Knowledge*, de Carlos Castaneda (Nova Iorque: Ballantine Books, 1968), pp. 170-84.

feminilidade, como a forquilha era de masculinidade. A levitação era considerada um fato raro, mas genuíno:

Quanto à sua história, é uma das primeiras convicções, comum a quase todos os povos, que não só fazem seres sobrenaturais, anjos ou demônios, voar ou flutuar no ar à vontade, como também podem aqueles humanos que invocam sua assistência. A levitação entre os santos foi, e

---

<sup>34</sup> Hughes, *op. cit.*, p. 156.



pelo devoto é, aceita como um fato objetivo. O exemplo mais famoso é o de São José de Cupertino, cujos voos extasiantes (e ele empoleirado nas árvores) causaram constrangimento no século XVII. Mas o aparecimento do voo, em transe celestial, tem sido reivindicado ao longo da história da Igreja, e não apenas por figuras tão destacadas como São Francisco, Santo Inácio Loyola, ou Santa Teresa... Na Idade Média era considerada como uma maravilha, mas firmemente estabelecida... Não é, portanto, de todo notável que se acreditasse que as bruxas voassem... [embora] a Igreja proibisse expressamente, durante o reinado de Carlos Magno, qualquer crença de que as bruxas voassem.<sup>35</sup>

Com a típica consistência, então, a Igreja disse que os santos podiam voar, mas as bruxas não. No que diz respeito às bruxas, elas confiavam na sua experiência, elas sabiam que voavam. Aqui elas se alinharam com santos cristãos, iogues, místicos de todas as tradições, na realização de um fenômeno tão antigo que parece se estender quase até as origens do impulso religioso nas pessoas.

Agora sabemos mais do que se pode saber sobre as bruxas: quem eram elas, o que acreditavam, o que faziam, a visão da Igreja sobre elas. Vimos as dimensões históricas de um mito do mal feminino que resultou no massacre de 9 milhões de pessoas, quase todas mulheres, há mais de 300 anos. A própria evidência desse massacre, a lembrança dele, foi suprimida durante séculos para que o mito da mulher como a Criminosa Original, o abismo, o ventre insaciável, pudesse perdurar. Aniquilada com os 9 milhões foi toda uma cultura, centrada na mulher, centrada na natureza — todo o seu conhecimento se foi, todo o seu saber está destruído. Os historiadores (brancos, homens e sem credibilidade para as mulheres, índios, negros e outros povos oprimidos, quando começam a buscar as cinzas de seu próprio passado) acharam o massacre das bruxas sem importância demais para incluir nas crônicas daqueles séculos, exceto como nota de rodapé, sem importância demais para serem vistos como a substância daqueles séculos — não reconheceram os séculos de ginocídio, não registraram a angústia daquelas mortes.

Nosso estudo da pornografia, nosso viver da vida, nos diz que o mito do mal feminino vivido tão resolutamente pelos cristãos da Idade Média, está vivo e bem, aqui e agora. Nosso estudo da pornografia, nosso viver da vida, nos diz que embora as bruxas estejam mortas, queimadas vivas na fogueira, a crença

---

<sup>35</sup> *Ibid.*, p. 130.

no mal feminino não está, o ódio à carnalidade feminina não está. A Igreja não mudou suas premissas; a cultura não refutou essas premissas. Resta a nós, herdeiros desse mito, destruí-lo e as instituições que nele se baseiam.

**PIRATEIA E DIFUNDE!  
TODA PROPRIEDADE  
EH UM ROUBO!**





